

**Tais Lima Gonçalves  
Amorim da Silva**  
Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia – UFRB  
E-mail:  
tais.goncalves@ufrb.edu.br

**Daniela Abreu Matos**  
Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia– UFRB  
E-mail:  
daniela.matos@ufrb.edu.br



Este trabalho está licenciado sob  
uma licença [Creative Commons  
Attribution 4.0 International  
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**  
Aos autores pertence o direito  
exclusivo de utilização ou  
reprodução

ISSN: 2175-8689

## **Memória, experiência estética e modos de resistência no selo Andarilha Edições: uma experiência no Recôncavo Baiano**

*Memory, aesthetic experience and modes  
of resistance in the Andarilha Edições: an  
experience in Recôncavo Baiano*

*Memoria, experiencia estética y modos  
de resistencia en el sello Andarilha  
Edições: una experiencia en Recôncavo  
Baiano*

Lima Gonçalves Amorim da Silva, T., & Abreu Matos, D.  
Memória, experiência estética e modos de resistência no selo  
Andarilha Edições: uma experiência no Recôncavo Baiano .  
Revista Eco-Pós, 27(2), 69–92. [https://doi.org/10.29146/eco-  
ps.v27i2.28243](https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i2.28243)

## RESUMO

Este artigo analisa as estéticas visuais que compõem o selo editorial da Andarilha Edições e como essas acionam um diálogo entre memória, experiência estética e modos de resistência. Para tanto, propomos uma metodologia experimental de *andarilhagem*, buscando entender os processos envolvidos na materialização visual das literaturas. Em seguida, evidenciamos a maneira como a editora adota um movimento de andarilhar buscando observar as práticas sociais cotidianas, costurando e bordando esse espaço e dinâmicas em suas literaturas. Por fim, acionamos o termo Bahia-Recôncavo para apresentar o modo como a editora de livros promove uma espécie de dissenso e de partilha do sensível estético-política ao demarcar as características e especificidades culturais ligadas ao território do Recôncavo e a publicação de literaturas de comunidades minoritárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Literatura; Memória; Estética visual; Experiência estética; Bahia-recôncavo.*

## ABSTRACT

This article analyzes the visual aesthetics that make up the Andarilha Edições editorial label and how they trigger a dialogue between memory, aesthetic experience and modes of resistance. To this end, we propose an experimental *wandering* methodology, seeking to understand the processes involved in the visual materialization of literature. Next, we highlight the way in which the publisher adopts a wandering movement seeking to observe everyday social practices, sewing and embroidering this space and dynamics in its literature. Finally, we use the term Bahia-Recôncavo to present the way in which the book publisher promotes a kind of dissent and sharing of the aesthetic-political sensitivity by demarcating the cultural characteristics and specificities linked to the Recôncavo territory and the publication of literature from communities minority.

**Key-words:** *Literature; Memory; Visual aesthetics; Aesthetic experience; Bahia-recôncavo.*

## RESUMEN

Este artículo analiza las estéticas visuales que componen el sello editorial Andarilha Edições y cómo desencadenan un diálogo entre memoria, experiencia estética y modos de resistencia. Para ello, propongo una metodología experimental de *errante*, que busca comprender los procesos involucrados en la materialización visual de la literatura. Luego, destaco la forma en que la editorial adopta un movimiento errante buscando observar prácticas sociales cotidianas, cosiendo y bordando este espacio y dinámica en su literatura. Finalmente, utilizo el término Bahía-Recôncavo para presentar la manera en que el productor de libros promueve una especie de dissenso y de compartir la sensibilidad estético-político, demarcando las características y especificidades culturales vinculadas al territorio del Recôncavo y a la publicación de literatura de comunidades minoritarias.

**PALABRAS CLAVE:** *Literatura; Memoria; Estética visual; Experiencia estética; Bahía-recôncavo.*

Submetido em 14 de maio de 2024.

Aceito em 16 de agosto de 2024.

## Introdução

### Minhas mãos nasceram antes que o restante do corpo<sup>1</sup>

A Andarilha Edições é uma editora independente, fundada em 2019 no Recôncavo Baiano<sup>2</sup>. A editora publica livros físicos e digitais que exploram memórias e imaginários que povoam a vida nas cidades da região, como São Félix, Cachoeira, Muritiba e outras. São modos de saber, ser e fazer, articulados a questões acerca de religiosidades, ancestralidade, crenças, tradições e saberes culturais ligados aos territórios da Bahia-Recôncavo, termo utilizado pela coordenadora do selo, Deisiane Barbosa, para designar que, apesar do Recôncavo ser uma região geográfica localizada no estado da Bahia, esse guarda especificidades linguísticas, com características e expressões próprias da região. São modos de ser, falar e saber que se distinguem de outras identidades culturais na Bahia.

Até o momento, a editora já publicou 19 (dezenove) livros, destacando-se por um processo criativo e sensível, que busca materializar os sonhos dos autores(as) em objetos carregados de personalidade e poesia. Esses livros oferecem outros mundos possíveis e novas formas de construir e recriar memórias e histórias relacionadas ao Recôncavo, “seja pelo modo de pensar sua feitura, as materialidades que o compõe, a estética que assume, seja porque o modo como será ‘lido’ há de ser inúmero, imprevisível, pois vai provocar uma experimentação mais ampla do que o habitual folhear-e-ler” (Andarilha, 2023, s.p.).

As literaturas da Andarilha Edições, ganham, assim, formatos táteis, corpóreos, afetivos e experienciáveis, possibilitando outro repertório visual para as obras e para os leitores, proporcionado pela maneira como a editora pauta sua artesanaria de livros. As publicações acionam experiências de corpos de contextos minoritários e periféricos que engendram um fazer

<sup>1</sup> Os títulos das seções são falas da coordenadora do selo Andarilha Edições, Deisiane Barbosa.

<sup>2</sup> O território de identidade do Recôncavo da Bahia está localizado ao redor da Baía de Todos os Santos, composto por 20 municípios, ocupa 0,8% do território estadual com 4,13% da sua população. “O Patrimônio Cultural da região é marcante e reconhecidamente importante para a história do Estado e do Brasil. São diversos bens tombados pela União, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e pelo Estado através do IPAC. As cidades de Cachoeira e São Félix têm parte dos perímetros urbanos reconhecidos como patrimônio pelos Conjuntos Arquitetônico e Paisagístico. Há também um grande número de manifestações culturais oriundas do território que são registrados como patrimônios culturais de natureza imaterial, parte delas são de tradições culturais relacionadas às matrizes africanas, como o Bembé do Mercado (tradição do município de Santo Amaro), o Carnaval de Maragojipe, a festa da Boa Morte, em Cachoeira, entre outras. Diversos terreiros de Candomblé do Recôncavo também são reconhecidos como patrimônio do Estado da Bahia” (Secult/BA).

de narrativas simbólicas como agenciamentos de lugares de memórias e disputas nos espaços de poder, pautando suas próprias vivências cotidianas e modos de vida, enquanto práticas políticas e tecnologias de sobrevivências do corpo, da vida, do conhecimento e dos saberes.

Nesse ponto, é pertinente convocar o pensamento da autora Leda Maria Martins que guiará e subsidiará as reflexões e posicionamentos deste artigo. Para a autora, a apropriação reminiscente, isto é, aquilo que se conserva na memória, são mantidas, desenvolvidas e transmitidas por meio de práticas performáticas realizadas pela corporeidade (Martins, 2021). Esse movimento potente é marcado por temporalidades curvas, em que “tempo e memória são imagens que se refletem” (Martins, 2021, p. 23), apresentadas em um tempo espiralar.

O conceito de tempo espiralar assume um modo de aprender a ler o tempo por meio de uma relação em espiral, o qual se afasta da noção de tempo sucessivo e linear das teorias ocidentais. Em outros termos, Martins formula que “as composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade [...]” (Martins, 2021, p. 23). Dessa forma, *tempo espiralar* se configura como uma abordagem crítica contra o pensamento ocidental a partir da perspectiva simultânea das instâncias passado, presente e futuro enquanto poéticas do corpo.

Propomos, nesse sentido, analisar as estéticas visuais desenvolvidas pela editora, a partir de duas publicações: *Cachoeira e a inversão do mundo* (2019), da autora Maíra Vale, e *Memórias de uma menina da ladeira* (2023), de Lucineide Souza. Nosso objetivo é lançar um olhar interpretativo de como as materialidades que constituem o selo, dão a ver “cenas de dissenso” (Rancière, 2005), ou seja, modos de deserarquizar estruturas hegemônicas de poder, operando uma espécie de rasura em imaginários consensuais para que múltiplos modos de vida possam coexistir em suas maneiras de fazer, distribuir, confeccionar e compor os “livros caminhantes” (Andarilha, 2023).

Para tanto, lançamos mão de uma metodologia experimental que chamamos de *andarilhagem*, inspiradas na formulação apresentada pela própria editora a partir do gesto de *andarilhar*. A referida experimentação metodológica está organizada pela errância, no encontro e no erro em que o próprio objeto é construído, à medida que a pesquisa também se constrói por meio do movimento e da procura pelas visualidades que compreendem o formato narrativo da

editora. Essa busca inclui a análise de visualidades e audiovisuais publicadas em plataformas digitais, bem como textos, publicações, depoimentos, entrevistas e *podcasts*, disponibilizados em sites, além da disposição interpretativa diante da experiência de leitura dos livros físicos. A postura metodológica que adotamos, traz um olhar mais tátil e experimental, orientada no próprio modo de fazer da Andarilha, o coletivo. No entanto, ao ser partilhada torna-se passível de ser replicada em outras pesquisas.

## 1 No cruzo da experiência com a memória

O selo Andarilha Edições é uma editora de publicações artesanais, composta por três mulheres que dão sentido ao projeto editorial, a partir do Recôncavo. A composição desse coletivo é um dado relevante por demonstrar um posicionamento político e discursivo da valoração e da representação do gênero feminino na cadeia de produção de livros, que, apesar de não ser recente, ainda é invisibilizada pelo mercado editorial elitista e excludente, conforme mencionado por diversos estudos e pesquisas (Zinani, 2014). Desse modo, atua também no processo de desconstrução de estruturas sociais que desprivilegiam e desqualificam o corpo feminino nos limites dos processos de colonização, impondo hierarquias de poder que relega às mulheres funções reprodutivas e domésticas, enquanto os homens ocupam espaços de poder e tomada de decisão.

Para Deisiane Barbosa, coordenadora do selo, a potência da editora é estar “produzindo, apresentando essas perspectivas, retomando esses lugares de fala” (Margens, 2020.). A proposta da editora não está limitada à publicação de literaturas do território da Bahia-Recôncavo, mas toma o território como entrada para um diálogo na construção de caminhos mais acessíveis para as produções de conhecimento e saberes de comunidades afro-brasileiras, especialmente de mulheres negras. À vista disso, acionamos a expressão proposta por Deiseane Barbosa, “Bahia-Recôncavo”, para demarcar e reafirmar identidades culturais relacionadas às questões de território e territorialidade desde o Recôncavo, na produção artesanal da Andarilha.

Nesse contexto, assumimos o termo *livros caminhantes* para nos referirmos aos livros produzidos pela editora enquanto formas que se movem, transformam e são reinterpretadas pela errância e pelo desvio às lógicas dominantes do consumo. Uma ação engajada que se faz

pela precariedade e pela invenção, criando zonas de disputas e resistências. Tanto pela forma de distribuição horizontalizada da editora em que seus autores e autoras são também responsáveis por circular seus livros em feiras e exposições, quanto pelo modo de produção, também horizontalizada, no qual a premissa se localiza nos trânsitos das cidades, como o próprio nome artístico assumido pela coordenadora Deisiane – *Andarilha*.

Natural de Cachoeira (BA), Deisiane é uma *artista-etc.* – como costuma se nominar – que experimenta um processo criativo multimodal, cuja articulação se dá em diversas linguagens e territórios. Dessa forma, ao mesmo tempo em que é uma poeta nascida no Recôncavo e profundamente ligada a esse território, Deisiane é, também, uma andarilha em viagem que está produzindo uma obra com essas mesmas características: em movimento, em idas e vindas, com palavras em trânsito, um corpo em diáspora, mas enraizado em sua comunidade, em suas memórias (Nogueira; Conceição; Cunha, 2022, p. 4).

Assim, a concepção editorial da Andarilha pauta o corpo não somente a partir do que ele pode conformar com relação aos processos da cadeia de produção, mas, da mesma forma, enquanto gesto que confere aos livros caminhanças, por meio do sentido tátil, uma dimensão de inteligibilidade e pensabilidade. A mão é o próprio saber e se expressa no ato de escrever e costurar poéticas, palavras e visualidades, produzindo conhecimento para além do que escreve e, portanto, passível de uma qualidade estética que, para Dewey (2010), “contém a promessa da percepção prazerosa que é a experiência estética” (Dewey, 2010, p. 84).

A dimensão de inteligibilidade e pensabilidade, emerge do entrelaçamento entre o corpo e o gesto enquanto local de inscrição de um conhecimento. Por meio do sentido tátil, a mão que escreve as palavras, borda as memórias e dança com as linhas, também se inscreve por uma qualidade do que é compreensível a partir de grafias e texturas impregnadas pelos modos de ser e fazer da Bahia-Recôncavo, tornando-se, portanto, passível de provocar a reflexão e o pensamento crítico, tanto pelo formato quanto pela experiência. Conceitualmente, esse aspecto inteligível e pensável, dialoga com as grafias dos múltiplos saberes das comunidades negras, explicitado por Martins:

Grafar o saber não era, então, sinônimo de domínio de um idioma escrito alfabeticamente. Grafar o saber era, sim sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber encorpado, que encontrava nesse corpo em

performance seu lugar e ambiente de inscrição. Dançava-se a palavra, cantava-se o gesto, em todo movimento ressoava uma coreografia da voz, uma partitura da dicção, uma pigmentação grafitada da pele, uma sonoridade de cores. Do corpo advinha um saber aurático, uma caligrafia rítmica, *corpora* de conhecimento (Martins, 2021, p. 23).

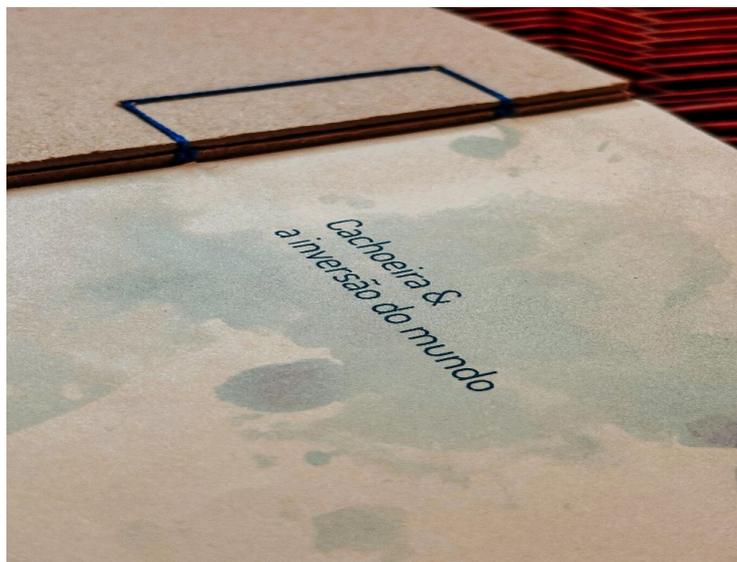
A vinculação entre percepção estética e experiência pode ser materializada, então, no momento em que o livro artesanal é vivenciado, aumentando sua vitalidade, a partir de um conjunto de “narrativas expressas em texto e/ou diversas visualidades”, padronizadas ou reinventadas para “conter elementos que solicitam outros sentidos de apreensão”, podendo conter cheiros, texturas, ou quem sabe produzir sons diversos ao serem manuseados, etc.” (Andarilha, 2023). De acordo com Deisiane Barbosa, a ideia de produzir e pensar as publicações: “entendendo o livro não como um mero suporte, mas o livro também como uma linguagem que pudesse provocar o leitor para além de ser um instrumento de acesso a conteúdos [...]” (Margens, 2020), perpassa pelo entrelaçamento de linguagens visuais e a artesanania de livros, inscrevendo outros modos de produzir subjetividades e sensibilidades.

Ao tratar o livro, na sua integralidade, como um objeto artístico que tem potência em provocar uma experiência estética, a Andarilha possibilita outra maneira de se relacionar com as literaturas, mediante processos de subjetivação relativos a questões identitárias e formas de ser no mundo. Mais do que ler seus conteúdos e se encontrar nas palavras, é o acionar de memórias afetivas por meio também do toque e do sentir dos bordados, texturas, gravuras, desenhos, letras impressas no papel e vestígios múltiplos e inumeráveis de experienciar o livro. Conforme a Figura 1.

**Figura 1** - Vista lateral dos livros *Cachoeira e a inversão do mundo* e *Memórias de uma menina da ladeira*

Fonte: Acervo da Pesquisa (Gonçalves, 2023).

**Figura 2** - Detalhe da Costura e capa do Livro *Cachoeira e a inversão do mundo*



Fonte: Acervo Alê Prates (2024).



Nessa perspectiva, a experiência estética engloba uma interação viva da arte como um processo, na qual ocorre uma conexão entre percepção, memória e conhecimento. De acordo com Dewey (2010), a arte compreende todo o organismo humano integradamente como parte da vida. E a experiência surge como uma negociação consciente do eu e o mundo, por meio da capacidade de imaginar, perceber e sentir como fontes que promovem o conhecimento. Logo, é importante perceber que, para o autor, como experiência, a arte é uma parte da vida, ao afirmar que “as origens da arte na experiência humana serão apreendidas por quem notar o deleite da dona de casa que cuida de suas plantas [...]” (Dewey, 2010, p. 62). Em diálogo com o Dewey, acrescentamos o argumento que a arte como experiência também pode ser percebida por quem nota o contentamento de quem vê, cheira, toca e sente com agrado as páginas de um livro. Especialmente quando este apresenta um gesto poético-artístico-conceitual de feitura dos livros artesanais, enquanto prática performática.

O gesto poético-artístico-conceitual da Andarilha é constituído através de criações visuais, as quais englobam formas, cores, texturas, relevos, modos de fazer e dispor os elementos visuais. A esse gesto é alinhavado um saber e uma memória ancestral, renovando o presente em um tempo não linear, nutrindo uma diversidade de narrativas plurais da “Bahia-Recôncavo” (Margens, 2020), onde linhas e agulhas, costuram formatos diversos de livros artísticos — ficcional, não-ficcional, prosa e poesia, — ou “visualidades diversas e tudo o que se inventa na confluência de gêneros” (Andarilha, 2023), engajando percepções sensíveis e criativas. A autora Leda Maria Martins (2021)) é precisa ao sinalizar essa dimensão do conhecimento corporeificado pela ancestralidade:

Com nossos ancestrais vieram as suas divindades, seus modos singulares e diversos de visão de mundo, sua alteridade linguística, artística, étnica, religiosa, cultural, suas diferentes formas de organização social e de simbolização do real. As culturas negras que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e modus constitutivos, evidenciam o cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou orais, com que se confrontaram. E é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade afro-brasileira, num processo vital móvel, identidade que pode ser pensada como um tecido e uma textura, em que as falas e gestos mnemônicos dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com o outro, transformam-se, e reatualizam-se continuamente, em novos e diferentes rituais de linguagem e de expressão, coreografando as singularidades e alteridades negras (Martins, 2021, p. 30).

Na esteira dessa argumentação, compreendemos que o modo como a Andarilha formata suas literaturas, promove um movimento *curvo da memória*, em um tempo espiralar (Martins, 1997; 2021), manifestando-se enquanto potência na preservação da memória cultural de comunidades afro-brasileiras, bem como, na formação da identidade e da memória coletiva. Todavia, a preservação e o acionamento de memórias pautada pela editora, não é no sentido de uma tradição estática do passado, é um fazer que considera as transformações, inventividade e criatividade para reatualizar e ressignificar as tradições, em que o presente se abre para o passado e o futuro. Ainda para Martins (2021), “a tradição, não poderia traduzir um estado imóvel da cultura que se transmite de uma geração para outra. A atividade e a mudança estão na base do conceito de tradição [...]” (Martins, 2021, p. 49), portanto, deve ser entendida como um trânsito entre práticas mais atuais e práticas mais antigas.

Cor, forma, textualidades, linhas e pontos são utilizados com uma certa plasticidade que, articulados ao fazer manual, dão uma característica de objeto único às pequenas tiragens que a editora produz, entre 50 (cinquenta) a 200 (duzentos) exemplares. Grande parte das cartografias publicadas são escritas que falam de/para/com as comunidades negras. O livro da escritora Maíra Vale, *Cachoeira e a inversão do mundo*, por exemplo, nos conta sobre os caminhos, encontros e desencontros que a cidade movimenta para resistir, transformar e remanescer. A esta narrativa é acrescida um conjunto de elementos estéticos compondo harmoniosamente o projeto do livro artesanal: folha de rosto tingida, papel pólen e ilustrações etnográficas, como podemos perceber nas imagens abaixo. Acompanhe as Figura 3 e 4.

**Figura 3** - Detalhe da Costura e tipologia do Livro *Cachoeira e a inversão do mundo*



Fonte: Instagram Andarilha Edições.

**Figura 4** - Detalhe Folha de rosto e costura da capa



Fonte: Instagram Andarilha Edições.

Há uma relação dialógica que pode ser estabelecida entre a Andarilha Edições e outras editoras que buscam múltiplas experiências de feitura das literaturas, bem como, de leitura destes, a exemplo das editoras n-1, paraLeLo13S e a Gris. Apesar de suas singularidades, essas editoras compartilham de lugares em comum com a experimentação, seja na publicação de natureza mais acadêmica, na abordagem de temas críticos e teóricos, ou até mesmo explorando narrativas dissidentes. Temos também o movimento cartonero que, desde o início dos anos 2000, exercita formas não hegemônicas de produção editorial, com acento para a dimensão

Dossiê **O livro hoje: leitura e diversidade** - <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 27, n. 2, 2024

DOI: 10.29146/eco-ps.v27i2.28243

artesanal do livro. Sobre essa experiência Anderson Da Matta (2017) comenta, “há aí um gesto de resistência e uma (outra) forma de liberdade, não mais voltado para o questionamento da industrialização da edição, mas também para a transformação da relação do produtor e do leitor com o livro” (Da Matta, 2017, p. 139). Nessas diferentes experiências, o diálogo é situado na subversão das normas hegemônicas de produção literária, através da criatividade e inventividade. Ainda sobre a prática cartonera, Frederico Lisboa (2022) pontua: “Mais do que livros com preços acessíveis, ou trazer autorias fora do mapa do mercado editorial convencional, a proposta cartonera atua pela reconfiguração das figuras de autoria e edição. Por suas práticas, contesta quem pode escrever um livro e quem pode editar um livro” (Lisboa, 2022, p. 5). Para contextualizar veja as Figuras 5 e 6.

**Figura 5** - Capa do livro *Cachoeira e a inversão do mundo*



Fonte: Acervo da Pesquisa (Gonçalves, 2023).

**Figura 6** - Capa e vista lateral do livro *Cachoeira e a inversão do mundo*



Fonte: Acervo Alê Prates

Olhar para o aspecto de construção artística dos livros, conforma um gesto de acionamento de memórias e relações afetivas da primeira autora com sua avó ao lembrar dos bordados e outros trabalhos artesanais aprendidos durante a infância, como ponto cruz, vagonite, crochê e fuxico. Nesse movimento, ambas costuravam suas histórias como colchas de retalhos, no qual a neta aprendia sobre as histórias de família, tradições e experiências vividas por sua avó e outras personagens de sua família, atravessando, transformando e reutilizando, no presente, suas vivências e práticas cotidianas. Por isso, enfatizamos que para além de ser um movimento poético-artístico-conceitual, a Andarilha Edições instaura, também, um gesto político ao recuperar práticas manuais de criação artística, fortemente ligadas às culturas negras e indígenas, expondo, assim, um cruzo entre memória, territórios e saberes culturais.

Nessa concepção, concordamos com Martins (1997; 2021) que a cultura negra é uma cultura das encruzilhadas, constituída a partir de múltiplos e polissêmicos saberes. De acordo com a autora, as culturas negras nos territórios das Américas procedem do cruzamento das tradições africanas com outros sistemas simbólicos. A identidade afro-brasileira é formada por essa interação, resultando em rituais de linguagem e expressão, constantemente transformados. Esse cruzamento histórico cria estratégias de comunicação que mobilizam fronteiras territoriais

como forma de r-existência e modos de resistências que desorganizam certos eixos hegemônicos. A Andarilha, portanto, retoma saberes e memórias, ao mesmo tempo, em que contribui para a construção e transmissão de conhecimento, com múltiplas temporalidades, em que as instâncias do tempo se enlaçam. Para exemplificar a Figura 6.

**Figura 6** – Detalhe da costura, tipologia e imagem do livro *Memórias de uma menina da ladeira*



Fonte: Acervo da Pesquisa (Gonçalves, 2023).

Portanto, a experiência estética, em diálogo com a memória, pode ser apreendida enquanto vivências que envolvem a interseção entre a percepção estética e o acionamento de memórias afetivas. Experiências que conectam passado e presente, possibilitando reflexões sobre tempo-espço, reconstruindo as memórias do lugar, das pessoas e dos territórios. Qual seja, a experiência estética quando vivenciada, atravessa nosso corpo, convocando não apenas um sentido, mas uma multiplicidade de elementos da memória e da subjetividade que recriam estes sentidos ultrapassando temporalidades cronológicas enquanto possibilidades nos hiatos das presenças/ausências, esquecimento/lembrança.

## 2 Eu andarilho, tu andarilhas

*Cachoeira e a inversão do mundo*<sup>3</sup> chegou, assim, um encontro não marcado, mas muito esperado. O livro diz muito da relação da autora com esse território recôncavo: do Rio Paraguaçu a Babado – figuras bem conhecidas em Cachoeira e São Félix. O primeiro por separar as cidades e testemunhar as batalhas pela Independência do Brasil e da Bahia, o segundo é conhecido também por Tical, um conterrâneo marcante das cidades por sua indumentária não-convencional. Junto com a riqueza dos textos escritos, impressiona o formato visual do livro. A cada toque, as texturas saltam ao tato e aos olhos, instigando a leitora e o leitor a continuar a sentir e conhecer mais sobre a editora e todo o processo artístico ali materializado.

Movida pela provocação da editora – *eu andarilho, tu andarilhas* –, nos deslocamos também pela internet ao encontro das redes sociais, entrevistas em plataformas digitais, fotografias e vídeos para compreender e analisar suas estéticas visuais. No *podcast* Margens da palavra<sup>4</sup>, Deisiane explica que as redes sociais e a internet, de modo geral, representam um papel significativo na estratégia de montar uma rede de leitores e autores, ao partilhar o processo criativo dos livros artesanais, os detalhes e como é feito. A coordenadora também evidencia que a produção dos livros é dividida com outros agentes e artistas visuais, a partir de oficinas de criação e confecção dos objetos artesanais, enquanto a distribuição é realizada pelo próprio autor ou autora do livro.

Ainda na entrevista, Deisiane compartilhou informações sobre o gesto de *andarilhar* como um movimento constante na feitura e na procura de autoras e autores que desejem publicar livros artesanais. Ela explica que a produção dos livros não é feita em um local fixo. *Cachoeira e a inversão do mundo*, por exemplo, “foi produzido um pouco aqui em São Félix, um pouco ali do outro lado da ponte – Cachoeira, um pouco no Povoado do Cruzeiro que é o sítio de minha avó” (Margens, 2020). Ela esclareceu que, a proposta de *andarilhar* compreende todo o processo de construção da obra literária, desde a sua feitura a distribuição, participando dos espaços e feiras que promovem eventos literários. *Andarilhar*, portanto, é se mover pelas cidades e ruas em deslocamentos contínuos “no sentido de impulsionar cada vez mais esse movimento, esse fluxo de caminhos abertos – para as publicações de mulheres negras” (Margens, 2020).

<sup>3</sup> O livro *Cachoeira e a inversão do mundo* é uma adaptação da tese de doutoramento de Maíra Vale para o programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, defendida em 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1063722>.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4enNCmlq0DYm8JcdocnvCB>.

Nesse limiar entre a presença e a ausência, dentro e fora, bem característico das obras benjaminianas, a andarilhagem – *flânerie* para Benjamin – ganha outras nuances. Em suas obras, Benjamin aborda a fronteira ou liminaridade desarticulada de conceitos tradicionais que criam dicotomias e colocam as ideias e categorias como oposições mutuamente excludentes. Em contrapartida, Benjamin utiliza em sua literatura os espaços intermediários entre estes conceitos aparentemente opostos, para dar a ver as complexidades e interconexões que existem nessas articulações. E é a ênfase nessas incompatibilidades de ideias, *à priori*, que gostaríamos de reter, sobretudo, como um espaço potencialmente criativo do selo editorial.

Avançando nas formulações de Benjamin, ele apresenta o *flâneur* como sujeito que realiza a *flânerie*, isto é, a experiência do homem na cidade:

A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parde tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivania onde apoia o bloco de apontamentos: bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente (Benjamin, 1989, p. 34).

Nesse sentido, os deslocamentos que a Andarilha propõe, parecem guardar algumas modulações do *flâneur* benjaminiano, cujo interesse, sobretudo da figura masculina, produziu um lugar comum em que o homem flana pelas ruas da cidade, em momentos de reflexão sobre sua situação histórica e a crise da experiência na modernidade. O gesto da Andarilha, por outro lado, tensiona a cidade como espaço do/para o homem, subvertendo o lugar e papel social da mulher, ao *andarilhar* para observar a cidade, as pessoas e suas práticas cotidianas, apreendendo e representando esse espaço em seus livros caminhantes, colocando-se enquanto insubmissa e desobediente ao seu local social reservado, a casa e o espaço doméstico.

Há, também, outro tensionamento do lugar da figura da andarilha, associada comumente a pessoas, em sua maioria do sexo masculino, vivendo uma vida errante e sem residência fixa, tornando-se um excluído social. Em oposição, a Andarilha Edições apresenta-se como esse ser movente que visa preservar e reinventar as memórias e as histórias, por meio de estéticas visuais que possibilitam outro repertório para os leitores contemporâneos, ao tempo em que escreve sobre os modos de vida da Bahia-Recôncavo e constrói cartografias afetivas, sob

uma ótica feminina. Aqui é o corpo da mulher que encarna esse ser que se move no território, deixa marcas e é marcado por ele.

A Andarilha, portanto, desaprende a racionalidade moderna-ocidental em um retorno às narrativas de experiências comuns e em busca dos rastros de memórias esquecidas e apagadas, como que em resposta ao questionamento de Hartman (2022): “Quem dedicaria a uma tarde à reflexão sobre histórias do universo visto de lugar nenhum” (Hartman, 2022, p. 363). Tal visada é defendida pela Andarilha, partilhando mundos e desierarquizando posições de poder para ocupar territórios com as presenças de corpos negros, *queers*, quilombolas, indígenas e outros, saberes, memórias e histórias, sobretudo de mulheres negras, caminhando sempre atenta às conjunturas que conformam esse território, “mas distraída também” (Barbosa, 2021), como um fazer poético.

O modo como a Editora se apresenta em seu perfil no *Facebook*, já desperta certa provocação oposta ao cenário editorial hegemônico que concentra o poder e os recursos nas mãos de grandes editoras, definindo tendências e obras com maior potencial de vendas. “Uma editora caminhante, costureira de livros, literaturas e visualidades. Estamos em fluxo, desde o Recôncavo da Bahia, ao encontro de autores, leitores e modos de propor espalhamentos poéticos<sup>14</sup>”. Nessa perspectiva, acreditamos que a Andarilha contribui para o fortalecimento de um projeto epistêmico, estético e político no qual as existências negras reivindicam seu lugar de fala, delineando suas literaturas por meio das experiências cotidianas, dos processos históricos e das memórias.

Em vista disso, a Andarilha Edições, enquanto uma iniciativa independente, contribui para diversificar o cenário editorial, permitindo que vozes marginalizadas e obras mais experimentais tenham oportunidades de serem acessadas pelos leitores e autores. A partir dessa concepção, optamos por conceituar a editora Andarilha Edições como Editora Caminhante, por considerar que todo processo de artesanaria dos livros, é em si, um processo de movimento, pensado e provocado ao tomar como fundamento a andarilhagem.

### 3 Por uma Bahia-Recôncavo

*É a história de uma ladeira? De uma menina da ladeira? Da ladeira que pertence a uma menina, e vice-versa? De um lugar povoado de memórias e que forja sua gente? (Deisiane, Barbosa, 2023).*

Conhecer as memórias da menina da ladeira é também conhecer e reconhecer nossas memórias, costuradas a cores, relevos e texturas da ladeira do Milagre de Santa Bárbara, mas que também poderiam ser do morro Salva-Vidas, da ladeira da Misericórdia, da Rua dos Protestantes ou fim de linha do Garcia. Ruas da cidade de São Félix e de Salvador, atravessadas pelas histórias e memórias, cheiros e sabores, moldando um certo modo de pertencimento do lugar para as autoras.

*Memórias de uma menina da ladeira* não se trata apenas de um livro com textos em prosa, mas um conjunto de narrativas costuradas em uma cultura, funcionando como uma espécie de escrita política que desconfigura a palavra soberana (Rancière, 2005), evidenciando modos de vidas, memórias, tempos e trânsitos de uma Bahia-Recôncavo. A capa, por exemplo, traz uma pintura que caracteriza a famosa Gruta de Santa Bárbara: pedras em vermelho, romeiros e romeiras em sinal de devoção, altar com flores e a imagem da santa. O nome da ladeira é justamente em homenagem às águas milagrosas que brotam há mais de cinco décadas das pedras da gruta, cuja fama ultrapassa os limites da cidade presépio, levando admiradores e devotos para a festa e homenagens de fé a Santa Bárbara e a Iansã, no dia 4 de dezembro. As Figuras 5 e 6 apresentam as particularidades do livro.

**Figuras 5 e 6** - Capa e vista lateral do livro *Memórias de uma menina da ladeira*



Fonte: Acervo pessoal (Gonçalves, 2023).

Dossiê **O livro hoje: leitura e diversidade** - <https://revistaecopos.eco.ufri.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 27, n. 2, 2024

DOI: 10.29146/eco-ps.v27i2.28243

As estéticas visuais da Editora Caminhante são cuidadosamente consideradas na concepção e design dos livros artesanais. Elementos como a escolha do tipo de papel, a encadernação manual, a utilização de ilustrações ou técnicas de impressão específicas são explorados para criar uma experiência estética sensível para o leitor. A abordagem artesanal, apresentada nas imagens abaixo, também promove uma experiência sensorial e tátil, destacando-a no mercado editorial, contrária à lógica hegemônica de produção de literaturas. São apresentadas ainda, as Figuras 7 e 8.

**Figuras 7 e 8** - Processo de produção do livro *Quando o mundo despedaça em poesia* (Frames)



Fonte: Instagram Andarilha Edições (2022).

Alinhavadas às características que compõem os livros, são delineadas narrativas dos modos de existir e ser desse território marcado pela religiosidade, ancestralidade, memórias, rituais, músicas e danças, para disputar com outros imaginários e espaços simbólicos que descaracterizam as culturas e comunidades negras como produtoras de conhecimento e

epistemes. Segundo Martins (2021b), o privilégio da escrita era dos colonizadores europeus, que por muitas décadas falavam em nosso nome, excluindo visões de mundo diferentes dos seus.

O domínio da escrita foi instrumento na tentativa de apagamento dos saberes considerados hereges e indesejáveis pelos europeus. Tornando exclusiva a escrita letrada como fonte de conhecimento, seu domínio se superpunha, negligenciava e tentava abolir outros sistemas e conteúdos, não considerados pelo colonizador saberes qualitativos, ou sequer um saber (Martins, 2021b, p. 34).

Esse tipo de dominação, nos moldes da visão eurocêntrica, ainda opera na contemporaneidade, por isso, argumentamos que a Andarilha Edições, a partir dos modos em que recria as histórias e narrativas, modos de ser e fazer na Bahia-Recôncavo, promove um tipo de resistência e de partilha do sensível estético-política (Rancière, 2005), que instabiliza o pensamento moderno-colonial ao produzir uma espécie de desentendimento (dissenso) nas formas de visibilidade e dizibilidade de papéis e mundos já estabelecidos.

De acordo com Angela Marques (2012, p. 6), ao citar Rancière (2005; 2010, p.69), “o dissenso é uma divisão inserida no senso comum: uma disputa sobre o que é dado e sobre o enquadramento segundo o qual vemos algo que é dado”, e a partilha do sensível se estabelece enquanto uma “divisão do sensível”, revelando, conjuntamente, a presença de um lugar “comum” articulado de forma hegemônica e dos lugares ali definidos. Colocando em outras palavras, dissenso pode ser entendido enquanto ruptura com as normas estabelecidas, desafiando as hierarquias sociais e as estruturas hegemônicas de poder, permitindo que sujeitos de contextos minoritários ou marginalizados, reivindicuem sua voz e agência política (Rancière, 2005).

Ao dialogar com as formulações de Rancière, Marques (2012) explica que as cenas de desentendimento ou dissenso, possibilitam uma entrada para iniciativas de fazer com a realidade antes não imaginada ou relacionada ao que é “comum”, comecem a ser percebidas, ainda que não “incorporadas, subsumidas, transfiguradas e ‘normalizadas’” (Marques, 2012, p. 7). Logo, o que é comum em uma comunidade, para Marques (2012), não é fixo, mas está em constante mudança, podendo ser identificado quando uma certa noção de consenso é desafiada, apresentando rasuras que permitem a entrada de outras formas, leituras e modos de vida coexistindo.

A Andarilha dá a ver esses deslocamentos e rupturas ao contemplar e validar uma produção de literaturas em diálogo com visualidades e narrativas múltiplas de pessoas e comunidades que são deslegitimadas cotidianamente por sistemas que perpetuam a opressão e negligenciam outras perspectivas e experiências. À vista disso, a partir das estéticas visuais, a Andarilha Edições disputa um certo modo dessas sensibilidades, visão de mundo, práticas e saberes se instituírem para subverter hierarquias sociais, produzindo cenas de dissenso e modos de resistência. Estas práticas visuais desenham zonas de sobrevivências como lugares em que a condição da margem é reivindicada para propor outras formas de epistememes.

Para a autora, é preciso compreender, inicialmente, que a redefinição das normas e diretrizes de acesso ao comum depende da nossa imaginação política que muitas vezes é prejudicada pela dificuldade de incluir os *outros* e pensar nas coexistências das diferenças. Sob esse aspecto, Marques (2012) destaca três modos de resistência a partir do diálogo com base conceitual de Rancière: a ficção, por meio do entrelaçamento entre palavras e imagens; a necessidade de incluir o mundo dos *sem-partes* no mundo consensual; e o modo de produzir subjetividades nas cenas de dissenso.

Nesse ponto, a maneira que o mundo é delimitado e estruturado, em termos de espaço, tempo, modos de ser e se expressar, determinam quem pode ser visto e ouvido em uma comunidade, os que tomam parte e os *sem-partes*. Para Marques (2012), existem outros modos de resistência nas formulações de Rancière, destacando, sobretudo, que a literatura e a arte, de maneira geral, detêm essa qualidade: “a ficção e a arte nos retiram do mundo e a ele nos devolvem para que possamos vê-lo com outro olhar, sob outros enquadramentos” (Marques, 2012, p. 9).

A partir desse entendimento, a Andarilha emerge enquanto potência distinta da racionalidade eurocêntrica para nos indicar múltiplas possibilidades de negociar posições em fronteiras e disputar modos de ficcionalizar e imaginar, a partir do território do Recôncavo, uma Bahia-Recôncavo. Em um ritmo próprio, a editora vai demarcando atos de resistência, tornando visível o que antes era invisível, escrevendo a história a contrapelo (Benjamin, 1985). Portanto, uma editora insurgente que se posiciona de maneira crítica em relação às estruturas estabelecidas na indústria editorial, procurando ampliar o escopo do que é considerado válido e relevante na produção literária.

## Considerações

As estéticas visuais que compõem o selo da Andarilha contribuem para a emancipação e valorização de literaturas dissidentes. Através de suas escolhas estéticas, poéticas e conceituais, a editora proporciona um visual expressivo e disruptivo apresentando obras que fogem do padrão dominante. Além disso, valoriza a experimentação estética, a originalidade, a inventividade e a partilha coletiva, utilizando recursos visuais como tipografia, ilustração, pintura, bordado e técnica de costuras para criar livros enquanto uma linguagem artística. A Editora caminhante se junta a outros movimentos editoriais na concepção e fabulação do nosso território de identidade Bahia-Recôncavo, tais como, Irmandade da Palavra<sup>5</sup> e Cartonera das Iaiá<sup>6</sup>.

Retomando o conceito de “zonas de sobrevivência” (Marques, 2012), compreendemos que as estéticas visuais da Andarilha podem ser localizadas nesses espaços de manutenção de vidas e práticas culturais, formando um conjunto de experiências editoriais que utilizam o livro enquanto linguagem visual e literária capaz de criar novos mundos. Por isso, optamos por descrever a Editora Caminhante como uma editora insurgente, por entender que ela utiliza práticas editoriais colaborativas e horizontais, envolvendo as autoras e autores em todo o processo de publicação, além de adotar modelos de distribuição e comercialização alternativos – que não foram foco desta análise – atuando, principalmente, como agente de resistência, em diálogo com a reinvenção de memórias e práticas artesanais.

Conforme já argumentamos, as poéticas da Andarilha dialogam com as abordagens de Martins (2021), ao se posicionar contra um sistema de opressão e dominação epistemológica. A autora argumenta que, apesar de toda repressão com que o continente africano foi dividido pela lógica ocidental eurocêntrica, “não conseguiram apagar no corpo/corpus africano e de origem africana os signos culturais, textuais e toda a complexa constituição simbólica fundadores de suas alteridades, de suas culturais, de sua diversidade étnica, linguística” (Martins, 2021, p. 29).

Desse modo, consideramos que a editora emerge como modos de resistência e resiliência ao adotar práticas diaspóricas na arteficialidade dos livros, costurando e intercambiando experiências. No tocante a esse modo de produção, a Andarilha transgride o epistemicídio que

<sup>5</sup> <https://www.instagram.com/irmandade.da.palavra/>.

<sup>6</sup> <https://www.instagram.com/cartoneradasiaia>.

invisibiliza e apaga as intelectualidades não incorporadas pelo saber ocidental, oportunizando publicações de conhecimento e literaturas de comunidades minoritárias e periféricas.

## Referências

ANDARILHA EDIÇÕES. uma editora caminhante. [S. I.]. *Andarilha Edições*, 2023. Disponível em: <https://andarilhaedicoes.com.br/>. Acesso em: 8 maio 2023.

ANDARILHA Edições. Minhas mãos nasceram primeiro que o restante do corpo [...]. Nordeste Brasileiro. 15 ago. 2022. *Instagram*: @andarilhaedicoes. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/ChS22F-vpij/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/ChS22F-vpij/?img_index=1). Acesso em: 8 maio 2023.

ANDARILHA Edições. calma, que semana que vem a gente mostra cada detalhe do nosso lançamento [...] [S. I.]. 27 agos. 2022. *Instagram*: @andarilhaedicoes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Chxv7acAqYb/>. Acesso em: 10 maio 2023.

CASA/Teatro Recôncavo. Live 4 - "Cartas, Terezas, andarilhagens: a escrita em trânsito de Deisiane Barbosa". *YouTube*, 16 jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=su6eoMWd90Q>. Acesso em: 7 jul. 2023.

DA MATA, Anderson. Sobre empreendedores e sonhadores: coletivos editoriais brasileiros no século XXI. *Revista observatório Itaú Cultural*. N.17 (ago./dez. 2014). São Paulo: Itaú Cultural.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III: rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

LISBOA, Frederico Ranck. O papel do papelão: *Letras de Cartón* e o corpo-livro cartonero. *Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom*. IN: Intercom, João Pessoa 2022.

MARGENS DA PALAVRA: #3 - Elas fazem livros. Entrevistada: Deisiane Barbosa. Entrevistadoras: Edma Góis e Luciana Moreno. [S. I.]: *Podcast*, 30 mar. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4enNCmlq0DYm8JcdocnvCB>. Acesso em: 8 maio 2023.

MARQUES, Ângela. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. In: XXI Compós, 2012, Juiz de Fora. *Anais do XXI Encontro Anual da Compós*. Campinas, Galóá, 2012. p. 01-14.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do rosário no Jatobá*. 2. ed. Belo Horizonte: Perspectiva, 1997.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NOGUEIRA, Aline Souza M; CONCEIÇÃO, Arilma Reis; CUNHA, Rubens da. Deisiane Barbosa: andarilha de cartografias insólitas. *Revista Trilhos*, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistatrilhos.com/home/index.php/trilhos/issue/view/6/4>. Acesso em: 8 ago. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. 2.ed. São Paulo: Editora 34/EXO, 2005.

GONÇALVES, Taís Lima. Pesquisa “*Trajetórias Periféricas Universitárias: modos de subjetivação em narrativas de si de jovens negras(os)*” [dataset]. Grupo de Pesquisa em Comunicação, Mídia e Narrativas de Mudança Cultural — Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Versão 10 jan. 2024.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Produção literária feminina**: um caso de literatura marginal. *Revista Antares*, v. 6, n. 12, p. 183. Disponível em: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/3059>. Acesso em: 25 abr. 2024.

---

### **Taís Lima Gonçalves** - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB

Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela mesma instituição. Bolsista CAPES e integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão em Comunicação, Mídia e Narrativas de Mudança Cultural (COMUM). E-mail: tais.goncalves.amorim@gmail.com.

### **Daniela Abreu Matos** – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB

Professora Associada da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Artes, Humanidades e Letras – CAHL. Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação/PPGCOM-UFRB. Doutora em Comunicação Social pela UFMG. Co-coordenadora do COMUM – Grupo de Pesquisa e Extensão em Comunicação, Mídia e Narrativas de Mudança Cultural e do GEPJUV – Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes. E-mail: daniela.matos@ufrb.edu.br